

ISSN 2318-6275



Revista Memória LGBT - Ed. 5 - Ano 2 - Ago / Set 2014

REVISTA MEMÓRIA **LGBT**

www.memorialgbt.com



Debates: Entre as Mulheres eu sou Negra, entre as Negras, eu sou Lésbica... Uma história de Amor Trans e Lésbico

Especial: Patrimônio Paisagístico LGBT: Parque do Flamengo

Memórias: 12 anos de Caminhada de Lésbicas e Mulheres Bissexuais – Preservar a Memória do Movimento de Lésbicas como estratégia de Visibilidade

Expediente

Revista Memória LGBT

Ano 2 Nº 1 – Ed. 4 Junho / Julho
de 2014

ISSN 2318-6275

www.memorialgbt.com
revista@memorialgbt.com

Editor

Tony Boita

Redação

Aline Inforsato, Bárbara de Freitas
e Tony Boita

Assessoria de Comunicação

Bárbara de Freitas

Direção de Arte

Aline Inforsato

Corpo Editorial

Danielle Agostinho
Jean Baptista
Tony Boita
Treyce Ellen Goulart
Wellington Pedro da Silva

Seção Homo Rebelde

Cristiano Lucas Ferreira

Fotos Capa

Malcon

Website

Aham! Comunicação Interativa

Contato

contato@memorialgbt.com

Editor

tony@memorialgbt.com

Redação

revista@memorialgbt.com

Assessoria de Comunicação

barbara@memorialgbt.com

Agradecimentos

Cesar Perez, Leandro Escobar, Leonardo
Lopes, Marcelo Arthur, Malcon e a Rede
LGBT de Memória e Museologia Social

Todos os direitos reservados a
Tony Willian Boita.
Distribuição Gratuita.

Você poderá pesquisar, comunicar e estudar a
Revista Memória LGBT desde que autorizado.

Entre em contato:

tony@memorialgbt.com

Editorial

Tony Boita

Nesta edição, a Revista Memória LGBT debate a memória e o patrimônio da comunidade lésbica, problematizando as referências culturais deste grupo. Para tal, a revista republica o texto de nossa primeira edição “Entre as mulheres eu sou negra, entre as negras, eu sou lésbica...” de Treyce Ellen Goulart. Em seguida, Rita Elizabeth nos conta Uma história de amor trans e lésbico. Na seção memórias, Alan Villella Barroso com seu texto “Hoje meus alunos me perguntaram se eu era gay” ensina sua metodologia. E com exclusividade apresentamos um dos mais importantes projetos de preservação à memória lésbica, registrado por Mariana Meriqui Rodrigues e Bruna Andrade Irineu em “12 anos de Caminhada de lésbicas e mulheres bissexuais – preservar a memória do movimento de lésbicas como estratégia de visibilidade”. Com enfoque no tema principal desta edição, o patrimônio cultural lésbico, tratamos da construção do parque do Flamengo e do lugar que sua idealizadora, Lotta, desfruta na memória nacional. Destaca-se, ainda, a capa desta edição concebida por Francis Fred, artista e leitor da Revista.

A Revista Memória LGBT é uma revista bimestral e vinculada ao projeto Patrimônio Cultural LGBT e museus: mapeamento e potencialidades de memórias negligenciadas. É apoiada pela Rede LGBT de Memória e Museologia Social. Destacamos também que ela é um espaço aberto para a população LGBT, bem como redes, coletivos, cooperativas, comunidades, grupos, militantes, projetos, pesquisas, boletins e outras ações que promovam a memória, história e o patrimônio cultural de nossa comunidade LGBT.

Por fim, convidamos todxs a colaborarem com nossa edição de aniversário, envie sua contribuição!

Acesse: memorialgbt.com



/revistamemorialgbt



/memorialgbt

SUMÁRIO

Depoimentos

Palavra d@s LeitorXs04

Memórias

Hoje meus alunos me perguntaram se eu era gay.10

12 anos de Caminhada de Lésbicas e Mulheres Bissexuais12

Patrimônio Cultural Lésbico

Parque do Flamengo22

Entrevista

Exposição "Moda a favor da Diversidade"24

FLAVOR, o aplicativo de roteiros de bares, restaurantes,
clubes e festas para o público gay28

Dica de Cinema

kinoforum – Negras lésbicas31

Crítica: São Paulo em Hi-Fi.32

Dica de Leitura

Casa Susanna34

Social

Bilhete Único SPTrans aceita a inclusão do nome social35

Teatro

Em agosto estreia "Não Conte a Ninguém"56

Palavra d@ LeitorXs

Colabore você também, através do Twitter ou Facebook, enviando sua mensagem, artigos e relatos sobre a memória e a história LGBT.

Que lyndo, Cristiano! Suas palavras são como sinais de um farol no meio de um breu decadente.

Vitória Fox

(Sobre a matéria "Racismo, Machismo ou Homofobia. O que dói mais?" de Cristiano Lucas Ferreira)

A galera de Goiás super atuante!

*Blog Memória/História
Mhb-Mlgbt*

Iniciativa incrível dessa edição! Comentei com um amigo hj sobre a visibilidade lésbica, muitas vezes esquecida por veículos como revistas, etc... Parabéns!!!

Karyna Dultra

Muito obrigada pela matéria a meu respeito nas páginas 50 e 51, já compartilhei o link da revista no Facebook e irei divulgar em meus blogs

também, pois, esta revista é muito importante para o movimento LGBT! Obrigada por tudo!

Bruna Santiago

Esta capa está especialmente linda! Rs

Rita Colaço

Nossa história em Revista!

Cristiano Lucas Ferreira

Pessoal, compartilhando a nova edição da Revista Memória LGBT. Vamos ler, compartilhar, marcar um amigo, usar e abusar. Ela é nossa!!!

Wellington Pedro da Silva



/revistamemorialgbt



/memorialgbt

Dedicamos essa edição à memória de Vange Leonel

★ 04 /05/ 1963 † 14/07/ 2014

“Esse mundo vai nos ver brincar
Esse mundo vai nos ver sorrir
Esse mundo vai nos ver cantar
Esse mundo vai ouvir dizer
Bem vindos, bem vindos aqui yeah yeah yeah yeah
Esqueçam suas mágoas tudo o que não vai servir
Não importa se somos poucos
E não precisamos mentir não”

Trecho da música *Esse Mundo* – Vange Leonel

ENTRE AS MULHERES E NEGRAS E U S

Treyce Ellen Goulart

O sentimento de inadequação contido na fala da poetisa negra e lésbica Audre Lorde ressoa em meus pensamentos e nas memórias que tenho de inúmeros relatos de outras jovens mulheres negras e lésbicas. Ao que parece, nós precisamos vencer de uma só vez três entraves sociais estabelecidos: o machismo, o racismo e a homofobia. Me pergunto qual seria o pior dentre os três, qual seria a nossa prioridade, nosso maior inimigo a combater?

Quando pensamos somente sobre os dois primeiros termos desta equação não poderia me privar de referendar Bell Hooks. A autora nos lembra de que, durante muito tempo, nos foi dito que a emancipação do sistema racista seria o bastante para a garantia de nossa liberdade. Naquele momento, nos parecia que o racismo deveria ser nossa maior preocupação. Antes de sermos mulheres éramos negras. Estas questões também se fizeram presentes no Brasil, como é apontado pela professora Sueli Carneiro. Por aqui, as memórias contadas por nossas bisavós, avós e mães eram/estão traduzidas em corpos que trazem marcas de seres aos quais nunca fora concedida a imagem de fragilidade, como tradicionalmente ocorria com mulheres brancas.

Entretanto, é inegável que estivemos tanto lá quanto cá duplamente oprimidas pelo racismo e pelo sexismo.

No campo da visibilização de nossas identidades, nossa orientação sexual – nossas lutas, vitórias, derrotas e avanços nesta área – se apresentam

bastante ofuscados. Pensemos e listemos juntxs uma lista de cinco mulheres negras lésbicas ou bissexuais. Conseguiu lembrar alguém? Confesso: quando comecei a desacomodar o meu olhar e realizar este exercício proposto, percebi que, pessoalmente, tive durante minha adolescência e mesmo hoje pouquíssimas ou nenhuma referência de lésbicas ou bi. Mesmo hoje precisei recorrer a outras companheiras, ativistas/blogueiras e à internet. Tive a felicidade de encontrar e me apaixonar pela cantora Tracy Chapman (trilha sonora da escrita deste texto), descobrir a bissexualidade da rapper e atriz norte americana Queen Latifah, lembrar Preta Gil entre outras de nós que aí estão inseridas no cenário cultural.

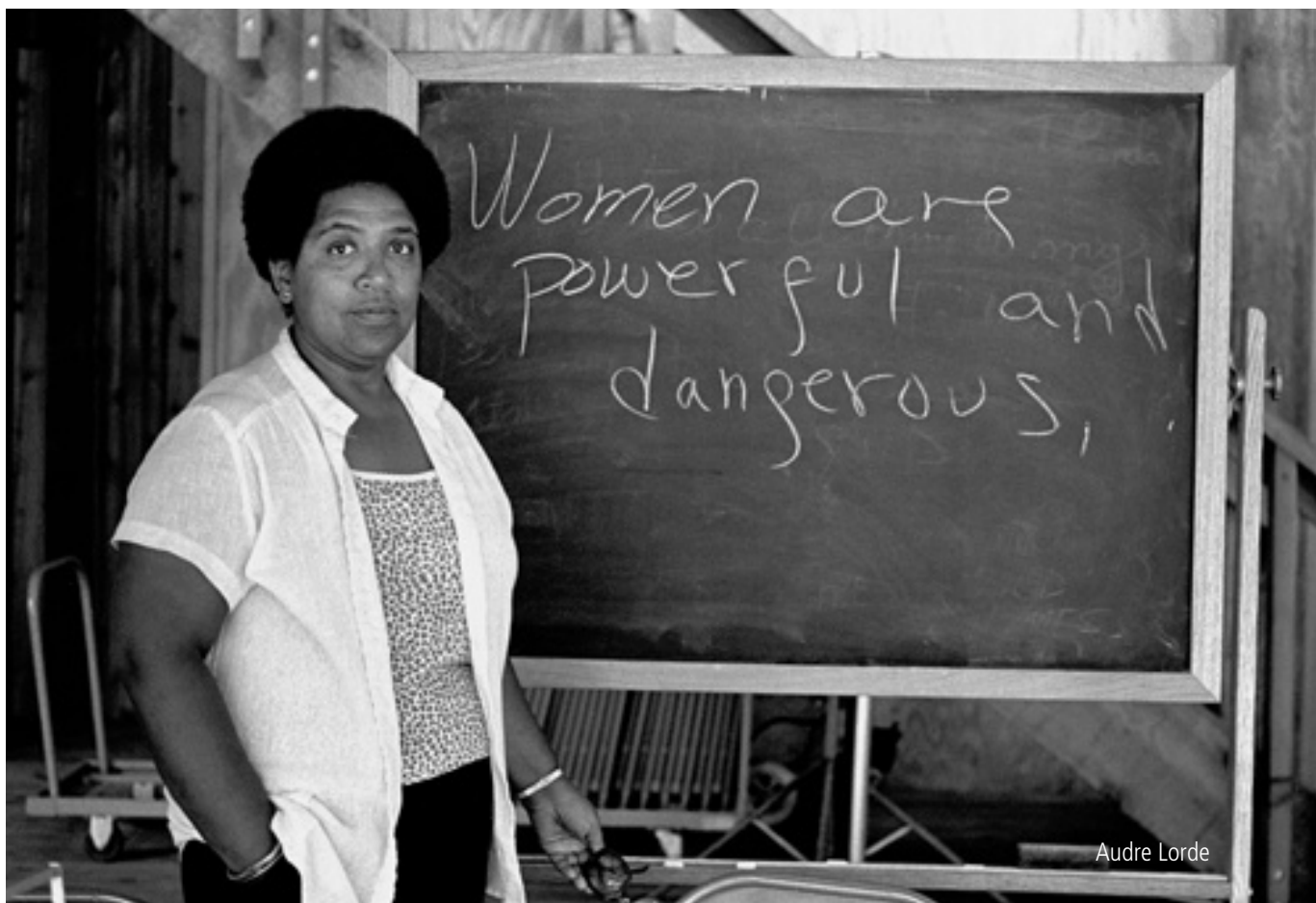
Ao encontrá-las algumas questões ficaram esclarecidas enegrecidas (sim, enegrecidas porque me incomodaram, chamaram à reflexão, ao questionamento). Onde estarão as mulheres negras e bissexuais assim como eu nas Universidades, por exemplo? Existe um conhecimento científico aprofundado e que nos represente? Onde estão registradas e valorizadas nossas memórias, nossa resistência e nossa batalha cotidiana pela sobrevivência aos, ao menos, três sistemas de opressão cotidianamente enfrentados por nós?

Hoje é possível vislumbrar um cenário de relativos avanços, forte e resistentemente conquistados por nós mulheres negras. Entretanto, me parece que nossa força e enfrentamento aos danos causados por este triplo sistema de opressão não significa transformá-lo. Nossas realidades nos permitem um olhar marca-

EU SOU **NEGRA**, ENTRE AS EU SOU **LESBICA**

do por especificidades e que devem ser considerados nas lutas pelos direitos das mulheres. Em um mundo em que conquistamos a legalização ao casamento homoafetivo, em que a sexualidade é celebrada (pelo menos em nosso meio), em que nos unimos frente àqueles/as que desejam e procuram tolher nossos direitos mais básicos como podemos trazer a tona, discutir, fortalecer nossas especificidades e enfrentar os desafios enquanto negras lésbicas/bissexuais?

Ainda que acredite que o início da batalha – interna, pessoa, autoconsciente – precise ser pautado pela consciência de que não devemos hierarquizar nossas opressões, não procuro aqui apresentar respostas prontas. De fato, não as possuo. Deixo a reflexão e o dever de casa (para mim também) de buscar estes vestígios que guardam pedaços de nossas memórias e de nossa história e que talvez possam colaborar na composição identitária de cada uma de nós.



Audre Lorde

Uma história de AMOR TRANS e LÉSBICO

Rita Elizabeth

Algumas informações antes do texto: tudo que está relatado aqui está sendo escrito no dia 05/07, um bom tempo antes da publicação da revista. Não esperem por um final feliz ou sequer por um final: essa é a nossa história, e nossas vidas ainda estão correndo, portanto, qualquer coisa pode acontecer depois que eu já tiver enviado esse texto ao editor. Tudo que eu explicar aqui será superficial, pois, como eu disse, são nossas vidas e não dá pra simplesmente contar coisas muito pessoais, sejam elas negativas ou positivas. Não temos como compartilhar certos traumas.

Me chamo Rita Elizabeth, sou uma mulher trans e lésbica. Isso pode confundir algumas pessoas, já que costumam confundir identidade de gênero com sexualidade. Mas vejam: eu me identificar como mulher não tem relação nenhuma com o gênero pelo qual eu sinto atração. Tenho um relacionamento com outra mulher trans, a Isabela. Isso por si só já faz com que eu receba uma cota de comentários desagradáveis. Gente querendo deslegitimar nossas identidades, gente homofóbica repudiando nosso relacionamento e gente que nos fetichiza também. Acho curioso quando insinuam que tudo é relacionado a desejos sexuais, já que eu sou assexual (*vide edição 4*) – não existe lógica em crer que qualquer coisa que eu faça esteja ligada a desejos sexuais.

O que existe em mim pela Isabela é, na realidade, nada mais que amor. Um amor tão intenso me emo-

ciono só de falar... E espero conseguir demonstrá-lo com esse texto – não me considero boa em escrever textos pessoais assim.

Sobre meu namoro e minha namorada: nos conhecemos por internet, no dia 25 de Março desse ano. Começamos a conversar e nos identificamos uma com a outra. Ela me contou histórias muito tristes sobre o que passava, sobre até onde a disforia dela a levava, sobre a humilhação que sofria no colégio – que, devo adicionar, nenhum diretor ou professor se manifestou para amenizar – e sobre como os pais dela eram (e ainda são) transfóbicos e homofóbicos – ao ponto de o pai afirmar que, se fosse pai um homossexual, preferia mandar matar o filho e ser pai de alguém morto (não com a mesma delicadeza que coloco aqui). Essa conversa toda aconteceu em

menos de três dias. Bem, como sou administradora de uma página sobre minorias, acreditei que seria importante relatar o que ela passava e como ela conseguia resistir a tudo isso. Porém, quando comecei a escrever sobre

sua história, fui percebendo que meus sentimentos por ela não eram apenas de amizade. Publiquei o texto no dia 28 de março, na página *Pelo Direito das Minorias* e quando o mostrei para Isabela, ela ficou emocionada e me disse que não percebia, até então, como ela podia ser tão importante. A conversa desenrolou e acabei me declarando para ela, quando dei por mim, estávamos

"O pior de tudo foi que ela estava com o cabelo grandinho e eles simplesmente o cortaram contra a sua vontade."



namorando. Precisamos de apenas três dias, desde que nos conhecemos, para começar a namorar. Enfrentamos dois problemas sérios: A distância (moro em Belo Horizonte e ela em Curitiba) e a idade, ela tem 16 anos e eu sou alguns anos mais velha que ela, apesar de não parecer, me preocupa a leitura maldosa que as pessoas podem fazer de nosso relacionamento.

Desde que estamos juntas sofremos ataques transfóbicos, individualmente e como casal. Já tivemos muitas crises intensas, tanto por não ficarmos bem uma com a outra, quanto não ficarmos bem com nós mesmas. Uma de nós – não vou especificar quem – tem crises suicidas e está sempre querendo se matar. Cabe, então, a outra convencê-la a desistir da ideia. São momentos muito difíceis para ambas. Mas superamos tudo porque temos o amor uma da outra. Sem esse amor eu não consigo ao menos imaginar qual graça a minha vida teria agora.

Recentemente a Isabela tem passado por muitas dificuldades. O pai dela descobriu que ela é trans (a mãe já sabia) e começou a ser bem agressivo, logo depois descobriram sobre o nosso namoro e a proibiram

de acessar as redes sociais, de conversar comigo e com outras amigas. Agora vigiam-na constantemente para que não possa falar conosco – e têm falhado, porque ela acessa a internet para conversar comigo quase todos os dias. Os pais também vêm tentando arrastá-la para reuniões da igreja. Devo deixar bem claro que, se você tem uma religião ou não, desde que te faça bem, ótimo! Mas ser obrigada a seguir as normas de uma religião e forçada a participar de reuniões, é outra coisa. E são reuniões bem longas.

O pior de tudo foi que ela estava com o cabelo grandinho e eles simplesmente o cortaram contra a sua vontade. Isso abalou completamente a sua auto-estima. Ela me contou isso e eu chorei muito, pois sei o quanto isso a

afeta. Estão negando a ela o direito de ser ela mesma, o direito de ser tratada com dignidade e respeito. Um ataque físico não teria feito tanto mal a ela quanto isso. Quando ela me contou "...eu catei um monte do cabelo cortado, segurei contra o meu coração. aí cheguei em casa e chorei." eu desabei, tive muito medo de fazerem algo com ela ou que ela tentasse fazer algo contra si mesma. Felizmente nenhum dos dois aconteceu.

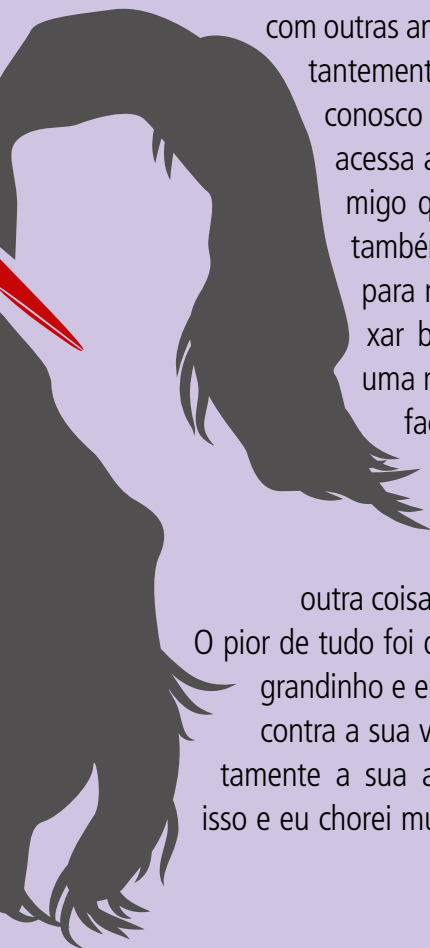
Tenho tentado ajudá-la a lidar com tudo que está passando e fico feliz em dizer que tem funcionado. Ela me disse diversas vezes que meu apoio foi essencial para que ela se sentisse melhor. A Isabela agora está tentando se emancipar e, se tudo der certo e ela não mudar de ideia, ela virá para Belo Horizonte. Dai poderemos morar juntas e tentar casar – pode parecer bobagem para alguns mas uma cerimônia de casamento nos deixaria muito felizes, significa muito para nós.

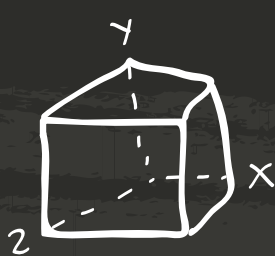
Bem... Essa é a nossa história. Não existe final para ela porque ainda está em andamento. Espero que com ela possam ver que o amor não é apenas o que dizem, ele também pode ser uma ferramenta de resistência a opressões. Sei que eu não estaria aqui hoje se não fosse pelo amor que eu sinto pela Isabela e eu sei que ela não estaria aqui hoje se não fosse pelo amor que sente por mim.

Eu espero poder amá-la pro resto da minha vida, cada segundo dela. O ódio de ninguém vai nos separar, pois, se o ódio deles faz algo, é nos deixar mais unidas. Vamos resistir a tudo e a todos porque nosso amor é maior.

Mulheres (trans e cis)... Resistam também! Não deixem a sociedade misógina, machista, lesbofóbica, transfóbica e binarista te vencerem. Vocês são melhores que ela. Todas nós somos.

Pode ser difícil, mas nós conquistaremos nossa liberdade de existir e amar quem quisermos. E eu sei que o amor nos dá mais força para lutar. Mas, se você for sozinha, seja porque quer ser sozinha ou porque não tem ninguém agora, que o amor próprio te fortaleça. Não tenha vergonha ou medo de se amar. Você é uma pessoa linda, não se coloque pra baixo.





Hoje meus alunos me per

Alan Villela Barroso*

Quando cheguei de manhã para dar aula, a turma de alunos entre 10 e 11 anos de idade estava bem agitada. Cumprimentei cada um e resolvi sentar no meu lugar para esperá-los se organizarem. No meio da espera, percebi que um dos alunos pegou a bolsa de outra aluna e colocou no ombro. Logo depois, afinou a voz e começou a caminhar pela sala "requebrando".

Situações deste tipo eu já havia presenciado algumas vezes nos poucos anos que eu possuo como docente. Como de costume, resolvi esperar um pouco mais, enquanto pensava na abordagem que eu utilizaria para conversar com a turma sobre esta situação.

Com a cena em desenvolvimento e risos daqueles que a achavam divertida, logo outros meninos se juntaram ao primeiro, afinando a voz e dizendo coisas como "oi, amiga", "ei, biba". Quando a graça foi se perdendo, os alunos pararam o que estavam fazendo e sentaram-se em seus lugares na espera de eu iniciar a aula. Então eu iniciei.

Perguntei lhes sobre o que eles estavam fazendo. Animados, me responderam que "imitando uma bichinha", ou que "era o Félix da novela", e também que "eu tava imitando uma biba".

Fiz de desentendido e perguntei o que era uma bichinha ou uma biba. Entre gargalhadas, me explicaram que uma bichinha, (ou uma biba, ou viado) era "homem que gosta de homem, essas coisas aí, professor, cruz credo, hahahaha!"

Aí eu disse que eles estavam errados. As gargalhadas deram lugar para expressões confusas. "Mas como assim, professor? Bicha é homem que gosta de homem".

E eu expliquei que homem que gosta de homem não é bichinha e nem biba, mas **Gay** ou **Ho-mos-se-xu-al**, assim como mulher que gosta de mulher também é gay, homossexual ou **Lés-bi-ca**. "Que nojo professor!", "isso não pode não", "eu acho errado isso".

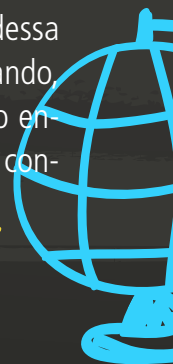
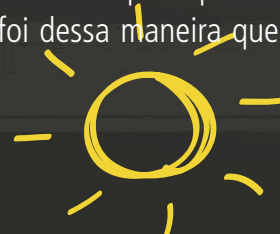
Eu não sabia até onde essa discussão poderia dar, mas a minha esperança é que ela se estendesse. Fui perguntando sobre o que havia de errado em ser homossexual, qual o motivo deles considerarem a homossexualidade uma coisa errada.

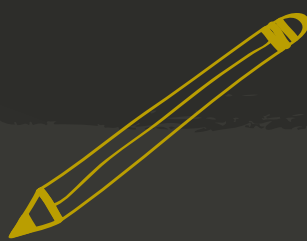
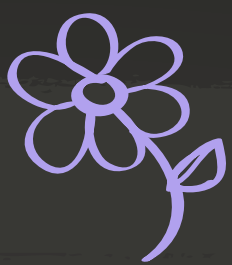
As respostas eu já sabia. Ou seja, que, na verdade, não havia uma resposta concreta para as minhas perguntas. As mesmas perguntas que eu já havia feito em outras salas, com outros alunos, em outros lugares e, no geral, as respostas eram sempre: "Ah, não sei professor, só sei que é errado, só sei que não pode".

Então eu desempenhei o papel que eu, particularmente, acho ser função dos pais de cada aluno e da escola também, afinal, crianças que já possuem curiosidade sobre sexo (nada mais natural) e que possuem namoradinhos e namoradinhas, já deveriam saber, no mínimo, certas nomenclaturas.

Expliquei o que era um **Hetrossexual**, um **Ho-mossexual** e, também, um **Transexual** (eles disseram que homossexual é transexual).

Sou professor dos meus alunos, mas na maioria das vezes sou muito mais amigo deles. Sempre muito curiosos, eles me fazem muitas perguntas. Às vezes fugimos um pouco do tema da aula por conta dessa curiosidade toda e ficamos em roda, conversando discutindo, procurando entender aquilo que não entendemos muito bem. E foi dessa maneira que con-





Perguntaram se eu era gay



versamos na aula de hoje. Sendo sinceros uns com os outros, olhando no olho, fazendo perguntas sem medo de sermos ridicularizados pelos colegas ou de estarmos falando alguma bobagem.

O assunto girou especificamente em torno da homossexualidade, eu queria que eles compreendessem que não existe nenhum problema em ser gay ou em ser lésbica. Que isso não era errado, que não era motivo de piada ou forma de xingamento (como muitos acreditam e usam). Que ser gay é natural e é individual

Se no início da aula, os alunos faziam piadas e davam gargalhadas daquilo que conheciam sobre homossexualidade, agora era perceptível que eles começavam a compreender melhor. Eu sabia que em uma primeira conversa, eles não iriam entender tudo de uma vez. Que seria confuso, que eles precisavam refletir pessoalmente e levar esses questionamentos para dentro de casa (por mais que eu saiba que, infelizmente, tudo o que eu havia explicado na aula de hoje poderia ser desconstruído pelos pais dos alunos).

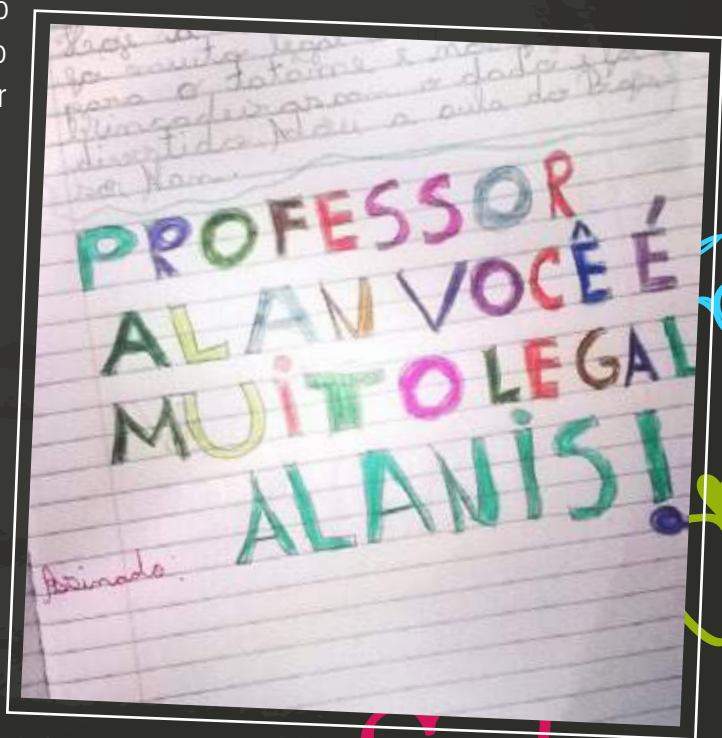
Foi então que uma aluna, que estava com muita vergonha, cochichou no ouvido da outra e olhou para mim. Eu olhei de volta e sorri. Percebendo isso, ela abaixou a cabeça e, sem graça, disse "Ai, professor!". "O que foi?", eu perguntei. Aí ela me disse: "Mas você é normal, não é professor?". Eu disse que "sim! Eu sou normal. Eu sou normal e sou homossexual". (Pausa dramática).

E realmente houve uma pausa dramática. Depois dela, choveram algumas perguntas.

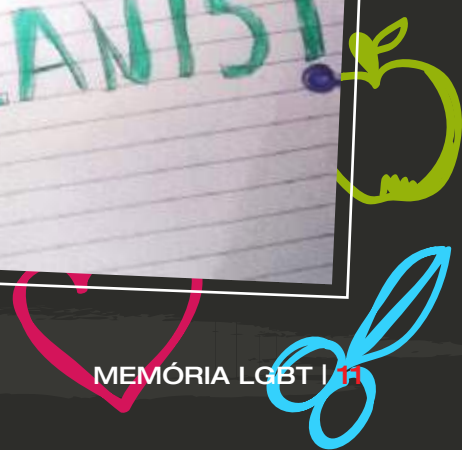
"Você gosta de homem?", "Mas... você é mulher?", "Você se veste de mulher?", "Você não tem vergonha? Não tem vergonha de dizer?" "E

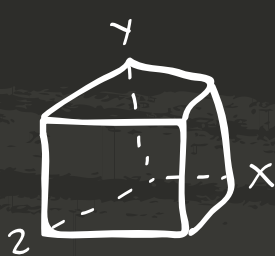
os seus pais, o que eles fizeram?", "Como você soube?" "Ahhh, mas isso é normal gente, não tem que ter preconceito" (disseram lá do fundo), "Eu convivo com um casal gay, é tão normal", "Você tem namorado?", "Vocês moram juntos?" "Onde vocês moram, como que é?", "E a mãe dele, sabe? A sua mãe sabe?", "As pessoas aqui no trabalho sabem?", "Vocês andam de mãos dadas na rua? Abraçados?", "Você já sofreu algum tipo de preconceito?" "Tem gente até que morre por causa de preconceito".

Foram muitas perguntas que, agora, no final do dia, não consigo me lembrar de todas. Mas todas elas foram respondidas e discutidas. Em cada resposta, eu percebi que eles estavam buscando compreender, do jeito deles, que ser gay é algo natural e é normal.



$$1+2=3$$





Percebi a quantidade de dúvidas que eles possuem sobre o assunto, como se nunca tivessem conversado sobre isso em casa de maneira séria, o que me deixa triste, pois todas essas crianças se desenvolvem com um preconceito sobre a homossexualidade. Preconceito que eles não sabem nem dizer por que têm.

No final, eles se juntaram e vieram me pedir desculpas. Perguntei por qual motivo. "Pelos brincadeiras e piadas que nós fizemos no início da aula". Eu disse que "aceito as desculpas de vocês, mas eu não quero que vocês venham me pedir desculpas, para o professor que vocês sempre gostaram. Mas para todos os outros homossexuais que vocês já viram e fizeram piada. E quando verem outros, lembrem da

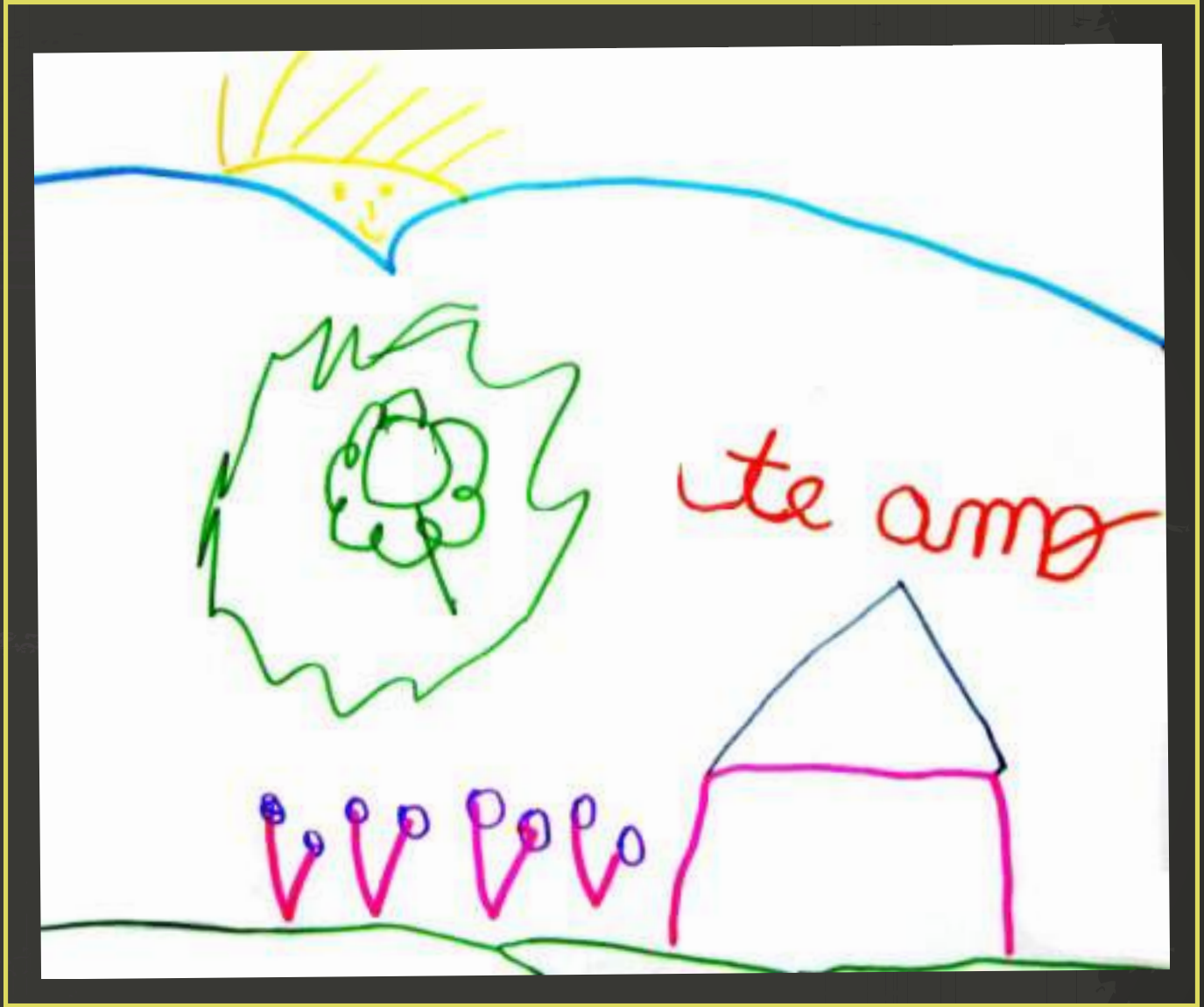
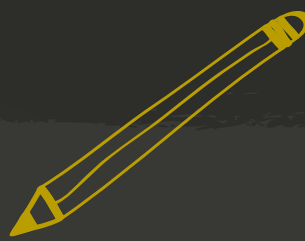
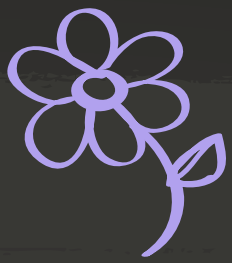
Foto: Arquivo pessoal.

O professor Alan chegou.
 Nós vamos gravar, mas brincamos de imitar
 gay, ele conversou com nós que isso era errado.
 É absurdo que era homossexual. E demos nossa
 opinião sobre gays.
 Alan disse que era preconceito julgar e
 compreendemos.
 Ele foi embora normalmente (feliz).

Preconceito é Errado.

Foto do registro de aula realizado por um aluno. **Transcrição:** "O professor Alan chegou. Nós íamos gravar, mas brincamos de imitar gay. Ele conversou que isso era errado e assumiu que era homossexual e demos nossa opinião sobre gays. Alan disse que era preconceito julgar e compreendemos. Ele foi embora normalmente (feliz). PRECONCEITO É ERRADO".





nossa conversa, lembrem do que nós discutimos hoje e pensem um pouquinho antes de rirem e cochicharem com o amigo ao lado”.

Eu fui embora feliz dessa aula e amanhã de manhã eu volto novamente feliz para encontrar esses alunos. Eu sei que muitas coisas eles ainda não compreenderam, mas sei que, pelo menos, um pouco já foi compreendido. Amanhã, certamente novas pergun-

tas surgirão, às vezes até comentários sobre o que os pais acharam dessa nossa aula de hoje e, se for assim, amanhã a gente continua a nossa conversa, tão produtiva quanto hoje.

*Arte/Educador formado em Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: alanvillelab@gmail.com

$$1 + 2 = 3$$



12 anos de Caminhada de Lésbicas e Mulheres Bissexuais

Mariana Meriqui Rodrigues*
Bruna Andrade Irineu**

Preservar a memória do movimento de lésbicas como estratégia de visibilidade

O ano era 2003 e o dia 21 de junho. Pela primeira vez mulheres lésbicas e bissexuais ocupavam a Avenida Paulista na cidade de São Paulo/SP para celebrar seu amor e também para marcar o início da Caminhada de Lésbicas e Bissexuais de São Paulo com um primeiro nome de "Caminhada de Lésbicas e Simpatizantes da Cidade de São Paulo". A Caminhada desde então se configurou como um ato político que representa até hoje um marco nos movimentos de reivindicação a favor dos direitos de lésbicas e bissexuais que historicamente lhes são negados por conta do sexismo, misoginia, lesbofobia e bifobia tão fortemente presente em nossa sociedade.

A Caminhada surge num contexto de militância bem específico de invisibilidade política e social de lésbicas e bissexuais na época e, que permanece o mesmo até hoje. Este contexto de invisibilidade é constituído e reforçado pela perpetuação dos estereótipos de gênero arraigados na sociedade em que, antes de pertencer-

mos uma identidade gay ou lésbica, somos criados e nos construímos como homens e mulheres. Nesse sentido, a crença que o espaço público, ou seja, a política, o uso da rua, etc., é caracterizado quase que exclusivamente como masculino, de direito dos homens (gays) e que às mulheres (lésbicas e bissexuais) cabe apenas ocupar o espaço privado da casa, a família, etc.

Em 2002, depois de seis edições da Parada Gay, houve uma tentativa da Associação da Parada do Orgulho LGBT (APOGLBT) de trazer um pouco mais de visibilidade às lésbicas e bissexuais na Parada, colocando na abertura motoqueiras lésbicas e cedendo um trio para lésbicas e bissexuais. Porém não houve resultados expressivos e as lésbicas permaneceram invisibilizadas.

Em 2003 então o grupo Umas & Outras, que estava funcionando desde 2001 através de uma lista de e-mails com troca de informações e vivências lésbicas e a partir das listas de e-mails o grupo acaba por começar a articular atividades culturais diversas (saraus, futebol e um espaço de reflexão do cotidiano lésbico em São Paulo); se articula com o Movimento Lésbico de Campinas (Mo.Le.Ca) para organizar uma caminhada lésbica em São Paulo inspirada na Caminhada Lésbica do México que tinha acontecido naquele ano por sua vez inspirada nas *dyke marches*¹ dos Estados Unidos.

A ideia inicial da organização era construir a Caminhada dialogando com a Parada Gay, mas não se submetendo a ela, acontecendo assim sempre um dia antes da Parada, fortalecendo a organização das lésbicas na cidade através de uma ação de visibilidade política e social. Neste sentido a organização contou com o apoio das lésbicas que estavam participando do V SE-

NALE – Seminário Nacional de Lésbicas e Bissexuais², que compuseram grande parte das manifestantes presentes naquela primeira caminhada.

Para a II Caminhada em 2004, o desafio era manter o caráter político mas também agregar mais mulheres. Neste ano o tema foi A Invasão das Bárbaras com intenção e trazer sentido de que lésbicas são guerreiras, lutadoras e também em referência a música Bárbara de Chico Buarque que aborda uma relação lésbica. Durante essa II Caminhada, também se começa a pensar em uma jornada de atividades para refletir, discutir as vulnerabilidades com foco na maternidade, envelhecimento e a questão da raça entre lésbicas. Nessa edição teve aproximadamente a participação de 2000 pessoas e a comissão de frente da caminhada foi composta por lésbicas montadas à cavalo vestidas de amazonas.

Em 2005 teve lugar a terceira edição com o tema “Com direito não se brinca. Pão, Circo e Cidadania”, foram distribuídos exemplares da Constituição Brasileira durante a Caminhada e debatido assuntos como o direito à guarda dos filhos e a atenção à saúde integral da lésbica. Também teve a participação de palhaças em pernas de pau fazendo o acompanhamento da caminhada durante o trajeto e foi calculado a presença de aproximadamente 3mil pessoas.

Até o ano de 2005 a organização da Caminhada Lésbica, apesar de ser de forma colaborativa, ainda era de responsabilidade do Grupo Umas & Outras e do Mo.Le.Ca. Já a partir do ano de 2006, na sua quarta edição, a organização da Caminhada passa a ser de responsabilidade da Liga Brasileira de Lésbicas (LBL), houve uma desmobilização do movimento de organização da Caminhada que

1 As caminhadas lésbicas foram criadas, em 1993, em Washington D.C (EUA), por um grupo de ativistas lésbicas chamado Lesbian Avengers (**Vingadoras Lésbicas**/1922), grupo que conclamava as lésbicas e todas as mulheres com identidades homoafetivas a irem à luta por seus direitos umoutroolhar.com.br/2012/08/a-origem-das-caminhadas-lesbicas.html

2 Seminário que visa articular e capacitar lideranças lésbicas e bissexuais e teve a primeira edição em 1996, na cidade do Rio de Janeiro, onde se estabeleceu o 29 de agosto como dia nacional da visibilidade lésbica, com demais edições: 1997 em Salvador.Bahia; em 1998 em Betim, Minas Gerais; em 2001 – Aquiráz no Ceará ;em 2003 em São Paulo; 2006 em Recife-Pernambuco; 2010 em Porto Velho – RO).

contou com aproximadamente 500 participantes neste ano.

No ano de 2007 o tema foi Cidadania, Direitos e Políticas Públicas – Por uma Sociedade sem Machismo, Racismo e Lesbofobia. No levantamento documental realizado não foi encontrado registros desta edição.

Em 2008, durante a sexta edição contou com aproximadamente 2500 pessoas participando e com o tema “Ser lésbica é um direito. Nem Igreja, nem Mercado, nosso corpo nos pertence. Por um Estado laico de fato!”, a Caminhada levou às ruas de São Paulo a discussão sobre o Estado Laico, a defesa da autonomia da mulher, o direito de decidir sobre seu corpo e sexualidade, e o direito a maternidade livre,



6ª caminhada de lésbicas (2008) – Bruna Andrade Irineu

alertando que nenhuma mulher deve ser obrigada ou impedida de ser mãe.

A sétima edição da Caminhada em 2009 o tema foi: NÃO SE CALE! Ser Lésbica é um direito! Não à violência contra a mulher! Por um mundo feminista com debates sobre o combate à violência contra a mulher e a defesa de um mundo feminista e lançamento da I Jornada Lésbica Feminista como programação permanente integrando a Caminhada. A Jornada se estruturou com seminário de formação Lesbianidades e Feminismos, oficina de defesa pessoal feminista *Wen Do*, rodas de conversas e debates sobre enfrentamento à violência. Desde então a Jornada Lésbica Feminista mantém

relativamente a mesma estrutura sempre atrelada ao tema da Caminhada.

Em 2010, com a oitava edição da Caminhada o tema foi Autonomia e liberdade! Por um mundo de igualdade! A Jornada com esse tema tinha objetivo de discutir as mais diversas faces da autonomia das mulheres, ou seja, autonomia sobre corpo, autonomia financeira Teve um publico bem inferior aos outros anos, mas contou com pelo menos mil pessoas no percurso total.

A nona edição da Caminhada de Lésbicas e Bissexuais de São Paulo para o ano de 2011 o tema da caminhada e da III Jornada Lésbica Feminista foi a Saúde usou o tema “Liberdade, Saúde e Autonomia. Conquistar Direitos Todos os Dias”. Compreendendo que os tratamentos e os protocolos de atendimentos médicos não atendem as necessidades das mulheres lésbica e bissexuais e que há um profundo desconhecimento sobre a realidade de mulheres lésbicas e bissexuais, no que se diz respeito a cuidados com a saúde e sexualidade. Além disso, pouco se fala sobre a questão da saúde mental e os impactos devastadores que a lesbofobia, o sexismo e a misoginia causam no bem-estar físico e mental d mulheres que não seguem a norma heterossexual. A estimativa de participantes deste ano foi de 1.800 pessoas.

Em 2012, com a décima Caminhada o tema foi de celebração: Discutindo e Celebrando as relações entre as mulheres, tema que também foi atrelado à IV Jornada Lésbica Feminista onde ocorreram debates sobre o histórico do movimento lésbico em São Paulo, as relações de violência entre mulheres, direitos civis e os avanços e retrocessos do movimento de lésbicas e bissexuais.

Para o ano de 2013, ocorrida a 11ª edição da Caminhada, devido ao grande retrocesso das demandas do movimento, assim como o assustador avanço do fundamentalismo religioso dentro dos nossos sistemas políticos, o tema escolhido foi: “O Estado é laico! Construindo direitos, desconstruindo preconceitos: basta de lesbofobia!” A ideia deste ano foi abordar as diversas formas de negação de direitos que as mulheres lésbicas e bissexuais e também

toda a população LGBT, de forma mais geral, estão enfrentando no contexto político desse momento. Reuniram-se 1.500 pessoas no percurso do MASP a Praça Roosevelt no centro de São Paulo.

Em 2014, ocorreu a 12ª Caminhada, reunindo 2.000 pessoas. Do ponto de vista organizacional esta edição trouxe algumas mudanças, pois foi amplamente articulada a partir de diversos protagonismos: Coletivo Feminista-Lésbico (CFL), Liga Brasileira de Lésbicas (LBL), Marcha Mundial de Mulheres, Rede Afro LGBT, Movimento Mulheres em Luta, União de Mulheres, Coletivo Ana Montenegro, Coletivo de Lésbicas e Bissexuais Negras, Coletivo Marias Baderna e militantes autônomas. Aventou-se entre alguns grupos participantes do processo de discussão para organização da Caminhada, a possibilidade em realizar o evento exclusivamente no período da visibilidade lésbica no mês de agosto, havendo discordância na proposta iniciou-se uma cisão, culminando em duas comissões organizadoras, duas concentrações e dois



Invasões Bárbaras 2ª caminhada de lésbicas (2004) – Valeria Melki

temas: a) “Basta de LésBifobia, Lutar não é crime! Nós nunca saímos das ruas!”; b) “Lésbicas e Bissexuais em luta contra o machismo e a violência”.

No que se refere ao levantamento do breve histórico acima apresentado, salienta-se a dificuldade em acessar as informações já que não há um arquivo sistematizado com a memória destes eventos, exceto arquivos pessoais que dependem da liberação pessoal do mesmo para consulta. Algumas militantes disponibilizaram suas fotos e informações de arquivos pessoais. A incipiência de registros históricos vinculados as redes nacionais dificultam a preservação desta história. E tendo a preservação da memória do movimento de lésbicas no Brasil como estratégia de visibilidade, faz-se necessário buscar outras formas de registros, como a história oral enquanto um patrimônio imaterial desta comunidade.

Diálogos sobre a Caminhada de Lésbicas e Bissexuais de São Paulo

Este relato tornou-se possível devido à colaboração de sete (07) companheiras que compartilharam suas histórias e percepções acerca das edições da Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais que participaram. Em 2013, fizemos contato com quinze (15) militantes institucionalizadas em alguma rede e/ou que não compõem nenhuma rede nacional, priorizando também as visões de companheiras de diversas unidades federativas do país. Entretanto, obtivemos retorno para diálogo com sete destas militantes, estas conversas foram possibilitadas através de conversas via email e skype. O fato de estarmos inseridas no mesmo campo de atuação política contribuiu no acesso as informações documentais e orais coletadas para este relato.

Ao questionarmos estas militantes sobre suas percepções acerca da Caminhada, pudemos perceber que estas a veem como momento necessário na programação que envolve também a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, mas por serem a Caminhada e a Jornada eventos que mobilizam e trazem militantes e ativistas de outros estados brasileiros, como na fala seguinte:

“Percebo que é um momento ímpar de entrelaçamento do movimento feminista com o movimento de lésbicas e mulheres bissexuais, não apenas de SP, mas do Brasil” (Militante Lésbica da Bahia).

A participação de lésbicas e bissexuais de outras regiões do país desloca a atividade local para uma dimensão nacional, valorando-a como um espaço necessário no cenário do movimento de lésbicas e bissexuais. A participação destas companheiras evidenciam percepções que referendam as diferenciações culturais no trato das homossexualidades:

[...] Algumas situações me chamaram muito a atenção, como a grande quantidade de lésbicas mais velhas, pois aqui em Goiás elas estão absolutamente escondidas. Não aparecem nos espaços de socialização, tampouco nas frentes políticas. Outro fator curioso é o entrosamento das funcionárias do shopping em frente, que vão pra parada nos seus horários de intervalo e interagem de forma muito positiva com as participantes da marcha. O trajeto é curto, por isso não cansa, mas percebi uma receptividade positiva das pessoas no percurso (Militante Lésbica de Goiás).

Durante o processo inicial de construção da Caminhada, a visibilidade tornou-se central. Neste sentido, uma das militantes aponta que: “o surgimento da Caminhada abriu uma avenida para que a militância lésbica ganhasse organização, visibilidade e, conseqüentemente conquistas políticas” (MILITANTE LÉSBICA DE SÃO PAULO). O número de participantes na Caminhada tem aumentado desde sua primeira edição significativamente, porém, ainda está distante de agregar a quantidade de pessoas que a Parada faz. Sobre isto, a seguinte fala reflete a preocupação da militância com a expressividade, mas ao mesmo tempo com a qualificação do debate:

[...] a importância de darmos vozes as nossas questões específicas, a construção e contribuição para a visibilidade lésbica/bi/trans/tra, o fortalecimento e

empoderamento nas questões que estão ligadas a identidade de gênero e a identidade sexual, ainda não colocamos o nº de gente nas ruas, da maneira que esperamos, mas o que importa perante a quantidade, e a qualidade política do ato ao qual ela se propõe, com músicas, com falas, com cartazes e com a nossa cara (Militante Lésbica do Rio de Janeiro).

[...] Fácil de ver que reúne menos mulheres do que a própria parada, até porque o investimento público e dos próprios movimentos sociais, em função da repercussão menor é infinitamente mais baixo, mas nem por isso menos importante. Afinal muitas mulheres só conseguem se expressar como lésbica em eventos como este (Militante Lésbica do Rio Grande do Sul).



8ª caminhada de lésbicas (2010) – Mariana Meriqui Rodrigues

Quanto aos temas abordados na Caminhada percebe-se uma distinção entre as falas que expressam crédito a importância de pautar as bandeiras tradicionais dos movimentos feministas e as que questionam essas pautas tradicionais reivindicando um temário com maior foco na sexualidade lésbica, como indica a fala abaixo:

[...] Como lésbica me senti muito incomodada de como as bandeiras das mulheres heterossexuais ainda continuam sendo a prioridades no movimento feminista. [...] existem demandas específicas das lésbicas e mulheres bissexuais que precisam ser colocadas em pauta. Parece ser uma tendência em “esconder” a sexualidade atrás de uma generalização do ser mulher, e isso vem juntamente com as questões biológi-

cas, pois em momento algum vi nenhuma preocupação com as identidades femininas das pessoas trans, englobo aqui travestis e transexuais. [...] Os gays nos escondem (enquanto organização do mês do orgulho) e nós somos escondidas atrás de uma pauta não específica (Militante Lésbica de Goiás).

No que se refere ao processo organizativo da Caminhada, apenas as militantes de São Paulo se posicionaram. Estas apontam a necessidade de maior horizontalidade e questionam a predominância de um grupo nesta construção. Como pode ser visto neste posicionamento: “[...] a apropriação da organização da atividade por parte de pessoas e/ou um único grupo, me parece, enfraquece a organização política desse segmento” (Militante Lésbica de São Paulo).

As disputas internas ao movimento de lésbicas e bissexuais são referenciadas por uma das militantes, como um dos entraves na participação de lésbicas e bissexuais autônomas (não vinculadas a nenhuma rede/grupo): “Eu acho que o movimento LGBT é cheio de luta interna por poder ou político-partidária. As pessoas que não querem se envolver em disputas caem fora” (MILITANTE LÉSBICA DE SÃO PAULO).

Desta forma, ainda que a Caminhada não expresse em seu processo de construção uma dinâmica plural como algumas companheiras acreditam ser necessário, é consenso de que esta se coloca como lugar único para visibilidade de lésbicas e bissexuais brasileiras. Como sugere uma militante do Rio Grande do Sul, “é uma ‘Revolução das Sapatão’. Espaço de encontro, de tessituras, construções. Lugar de possibilidades, de coletividades”.

Considerações Sapatônicas

Muitos são os desafios que compõem o processo organizativo das Caminhadas. A articulação entre redes, grupos e lésbicas autônomas nem sempre acontece de forma tranquila. É importante ressaltar que os processos que envolvem os movimentos sociais não são lineares e que as disputas políticas também se dão internamente, na medida em que existem pro-



8ª caminhada de lésbicas (2010) – Mariana Meriqui Rodrigues



jetos divergentes em debate na arena política.

Não apenas no movimento de lésbicas, mas as relações geracionais se colocam como um desafio para a prática política dos movimentos sociais. Fazer a junção e a articulação entre o passado e presente, também em relação às demandas (tradicionais) das mulheres ou só das lésbicas, assim como a percepção em muitos momentos hierarquizante de cada militante sobre o que é uma “militância verdadeira” (segmentada ou inclusiva, online ou in loco) também se colocam no bojo deste desafio.

Quanto aos temas abordados nas Caminhadas observa-se uma centralidade na busca por isonomia de direitos e pela efetivação do Estado Laico, reflexo da conjuntura destes mais de 12 anos caminhando nas ruas de São Paulo e dos mais de 30 anos de militância lésbica.

Apesar dos desafios que envolvem os processos coletivos de organização política em uma sociedade capitalista, sexista, racista e LGBTfóbica, as memórias da caminhada lésbica de São Paulo torna-se essencial para reconstrução de nosso passado (por inaugurar esta ação no Brasil) e formulação de novas estratégias políticas.

Em tempos de midiatização de pares lésbicos a partir de cenários familistas e “casamenteiros” que parecem tão “modernos” aos olhos da própria população LGBT, resgatar a história da Caminhada Lésbica é fundamental para conhecermos ações de visibilidade em momen-

tos da história onde éramos “queimadas” no shopping na novela das 8. Esses tempos de hoje, só reforçam, em nosso ver, que na luta por autonomia e direitos devemos permanecer atentas para não nos seduzirmos por estas supostas conquistas reiteradoras da heteronorma.

Este texto é resultante de reflexões realizadas para escrita de um relato de experiência em 2013, que posteriormente motivou-nos a iniciar o projeto “Retratos da Diversidade Sexual e de Gênero”, que envolve ações de extensão e pesquisa enfocando a preservação da memória LGBT. Agradecemos as companheiras que se disponibilizaram a compartilhar conosco histórias, informações e acervos pessoais, que delineiam a memória da militância lésbica no Brasil.

Referências Consultadas:

- LIGA Brasileira de Lésbicas. Carta de Princípios. 2004. Disponível em: <http://ligabrasileiradelesbicaspr.blogspot.com.br/p/carta-de-principios-da-liga-brasileira.html>. Acesso em: 5/04/2013
- ORIGEM das Caminhadas Lésbicas <http://www.umoutroolhar.com.br/2012/08/a-origem-das-caminhadas-lesbicas.html>
- TEMA da VII Lésbica e Bissexual de SP: NÃO SE CALE! Ser Lésbica é um direito! Não à violência contra a mulher Por um mundo feminista 27/05/2009 <http://ligalesbicasp.blogspot.com.br/2009/05/tema-da-vii-caminhada-lesbica-e.html>
- RODRIGUES, Mariana M. 10 anos da Caminhada de Lésbicas e Mulheres Bissexuais em São Paulo. In: Caderno de Resumos do III Seminário Enlaçando Sexualidades. UFBA: Salvador, 2012.

***Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins – UFT. Pesquisadora e Colaboradora do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Sexualidade, Corporalidades e Direitos da Universidade Federal do Tocantins – UFT Especialista em Gênero e Sexualidade pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Militante da Liga Brasileira de Lésbicas – LBL. Participou do processo de construção e organização da Caminhada de Lésbicas e Mulheres Bissexuais em São Paulo por 05 anos. Email: mari.rodrigues@gmail.com**

**** Professora do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Tocantins – UFT e Coordenadora do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Sexualidade, Corporalidades e Direitos da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Militou em coletivos universitários de diversidade sexual durante a graduação e pós-graduação em Mato Grosso e Goiás. Tem participado da Caminhada de Lésbicas e Mulheres Bissexuais desde 2008. Email: brunairineu@gmail.com**

MEMORIA LGBT .COM



[/revistamemorialgbt](#)



[/memorialgbt](#)

Parque do Flamengo

Texto: Tony Boita
Fotos: Instituto Lotta

O Parque do Flamengo, é um complexo paisagístico composto por dois parques, o Museu de Arte Moderna, jardins projetados por Burle Marx, Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra, clubes náuticos, conjuntos arquitetônicos, playgrounds, trilhas e restaurantes. Ele foi tombado (número do processo 0748-T-64) no livro tombo arqueológico, etnográfico e paisagístico em julho de 1965 (IPHAN, 2012). Foi projetado por Lotta Macedo de Moraes companheira da escritora norte americana Elizabeth Bishop. Em 1960, com o Governador Carlos Lacerda eleito, Lotta é convidada a ser responsável por projetar o parque. Em 1961 a seu pedido o governador assina o decreto nº 607 que cria juntamente a Superintendência de Urbanização e Saneamento – Sursan o grupo de trabalho para a urbanização do aterrado do Glória-Flamengo. Tendo como funções; a) Orientar e projetar todas as obras arquitetônicas, paisagísticas e artís-

ticas, a serem realizadas pela Sursan no aterrado Glória-Flamengo; b) Supervisionar a urbanização e a composição paisagística da faixa do aterrado, na orla marítima Glória-Flamengo; c) Opinar sobre a eventual aquisição e localização de qualquer obra de arte a essa área destinada. Em sua primeira formação deste grupo de trabalho, Lotta era a presidenta e ao montar sua equipe convida para realiza-

ção do projeto arquitetônico Jorge Machado Moreira e o responsável pelo anteprojeto do parque Affonso Eduardo Reidy. Também integraram o grupo de trabalho Berta Leitchic (engenharia), Ethel Bauer Medeiros (recreação), Carlos Werneck de Carvalho, Sérgio Bernardes e Hélio Mamede (desenvolvimento de projetos). Esta equipe contou com os serviços técnicos da Roberto Burle Marx e Arquite-



tos Associados responsáveis pelo serviço paisagístico, encontrados próximos ao Museu de Arte Moderna; o Laboratório de Estudos Marinhos de Lisboa, que solucionou os problemas do aterramento do parque; e do Richard Kelly contratado especialmente para solucionar a iluminação do parque com os maiores postes de luz mundo. Aos poucos o Parque do Flamengo cria-se forma. Em 1965 o parque é tombado em julho e em outubro do mesmo ano ele é inaugurado. Mas com sua conclusão os problemas começam a surgir. O candidato apoiado por Carlos Lacerda não é eleito, e mesmo assim em pouco tempo ele sanciona uma lei criando o grande sonho de Lotta, a Fundação que



seria responsável pela administração do Parque, mas neste mesmo período Burle Marx inicia ofensas públicas, agressivas e discriminatórias inclusive difamando o seu relacionamento com Bishop que ganharam ampla repercussão nos jornais com matérias de apoio ao paisagista. Com isso Lotta fez o que foi possível para a criação da Fundação e a conclusão de seu trabalho, mas por ser assumidamente lésbica o foi negado o direito de autoria do Parque do Flamengo e consecutivamente seu direito a perpetuação de sua memória e seus feitos. Mas após trinta anos a inauguração do parque, em 1995 a prefeitura do Rio de Janeiro através da Secretaria de Cultura e o Departamento Geral de Patrimônio Cultural realizaram uma homenagem a idealizadora do Parque do Flamengo, entre as atividades a colocação de uma placa ressignificando a autoria do parque com os dizeres "Idealizadora do Parque do Flamengo e presidente do grupo de trabalho que transformou um aterro em jardim e área de lazer ativo." Com isso constata-se que o Parque do Flamengo, criado por uma lésbica é um importante espaço da visibilidade e memória da comunidade LGBT, tornando este o primeiro patrimônio natural.

Exposição "Moda a fa

Roberta Brandão é uma fotógrafa carioca transexual. Nascida na cidade de São João de Meriti, na baixada Fluminense no Rio de Janeiro, costuma usar a "fotografia como forma de militância", a "verdadeira essência da identidade sem apelos a vitimização da classe de travestis e transexuais, qual pertença". Recentemente foi curadora da exposição "Moda a favor da Diversidade", resultado de uma parceria com o estilista Almir Franca, importante ativista LGBT e atual presidente do Grupo Arco-Íris do Rio de Janeiro.

avor da Diversidade"

Memória LGBT: Fale sobre a Exposição.

Roberta Brandão: A exposição nasceu a partir de um trabalho conjunto do estilista Almir França, qual em seu processo de seleção de imagem para sua coleção fosse incluído caracteres que dê visibilidade as diferentes formas de identidades de gênero (transformistas, travestis e transexuais) e identidades culturais, incluindo em seu casting uma fotógrafa que também fizesse parte do contexto (neste caso, transexual). As fotos retratam as diferentes expressões de identidades sociais, identidades culturais e identidades de gênero com a linguagem de moda, qual os modelos pertencem à estes contextos de identidades, com abordagem artística, sem o apelo de retratar a diversidade como foco.

Memória LGBT: Como surgiu a proposta de curadoria?

Roberta Brandão: Desde do processo de criação da coleção até o seu fechamento, criou-se um acervo de imagens, onde surgiu o convite do próprio estilista para expor as fotografias no dia do lançamento de sua coleção, qual foi selecionado 20 fotografias em preto e branco, expostas no fechamento do festival gastronômico no Mercado CADEG.

Memória LGBT: Como foi a abertura da exposição, inaugurada em 02 de agosto?

Roberta Brandão: Nesta primeira exposição, não houve abertura formal.

Memória LGBT: De que forma a exposição auxilia a comunidade LGBT?

Roberta Brandão: A exposição em si reforça o contexto das novas possibilidades de travestis e tran-

sexuais saírem do eixo da marginalidade através da arte, sem o apelo da vitimização da comunidade LGBT, qual é muito difundido em trabalhos semelhantes.

Memória LGBT: Onde podemos conferir a exposição?

Roberta Brandão: A exposição, neste primeiro momento, é um projeto itinerante. Porém há parce-



rias com os órgãos LGBTs do Rio de Janeiro para a exposição ganhar local fixo, qual pode ser conferido o endereço no meu site.

Memória LGBT: Na museologia, existe hoje a ideia de que os museus no Brasil estão incluindo grupos discriminados. Embora já tenha nascido museus de comunidades indígenas, quilombolas ou outras modalidades de sociedades periféricas, temos procurado notícias sobre os museus que se preocupam com a memória da comunidade LGBT. Você tem alguma notícia de algum museu assim?

Roberta Brandão: Em minha opinião pessoal, acredito que os museus deveriam ser mais homogêneos, porém a diversidade da comunidade LGBT é muito extensa, esta sim deveria existir, porém eu desconheço qualquer museu público voltada somente ao LGBT. Salvo algumas iniciativas privadas e pessoais em mapear em acervo a trajetória LGBT brasileira.

Memória LGBT: Não havendo notícias, a que você acha que se deve essa ausência da história e memória LGBT em museus?

Roberta Brandão: Tanto na sociedade em geral quanto da comunidade LGBT, são poucos que estão preocupados em registrar e catalogar a nossa memória. Isso dá-se também por causa de nossas prioridades sociais, qual a comunidade LGBT possui necessidades primárias em segurança pública, acesso à saúde, direito de união civil, e o processo de criação de acervo público fica em segundo plano.

Memória LGBT: Nos museus estão representados memórias e histórias da sociedade brasileira. De que forma os museus brasileiros poderiam aproximar-se da questão LGBT?

Roberta Brandão: Primeiramente a sociedade brasileira deve aceitar que a discriminação de LGBTs é uma violação de direitos primários ao cidadão. A partir daí podemos criar conexões socio-culturais que não infrija o direito de existir de diferentes identidades e sexualidades.

Memória LGBT: Qual (Quais) memória(s), história(s) e objeto(s) você gostaria de expor em um museu?

Roberta Brandão: É uma pergunta muito complexa pois existem infinitas formas que a comunidade LGBT usava (e ainda usa) como forma de libertação, como por exemplo, na música, poesia, esculturas, etc.



Mas pela minha visão artística, eu gostaria de expor as diferentes formas de expressão de identidade, traçando uma linha do tempo e contando a história dos caracteres quem a compõe.

Memória LGBT: Qual memória você jamais gostaria de esquecer?

Roberta Brandão: A memória que permitiu-me viver hoje numa sociedade mais flexível. Esta memória que escolhi retratar com meu trabalho: Transformistas, travestis e transexuais que anos atrás não poderiam existir além do palco. Foi por causa de muitas gerreiras "T's" que hoje tenho novas possibilidades e liberdades.

Memória LGBT: Qual o recado que você deixa para a Revista Memória LGBT?

Roberta Brandão: Só ensejo muito sucesso na continuação deste trabalho maravilhoso, para que um dia este projeto esteja em todo território nacional.



Foto Roberta Brandão. Modelos Gabriel Levi, Rodrigo Nascimento e Vitor Weineck com o estilista Almir França.



Foto Roberta Brandão. Modelo Louise Xavier

FLAVOR, o aplicativo de roteiros de bares, restaurantes, clubes e festas para **o público gay**

Os empresários Paulo e Leandro desenvolveram e gerenciam o aplicativo para o público gay Flavor. Este é um app e roteiro de bares, restaurantes, clubes e festas. Ele é gratuito e pode ser baixado na versão Android e Iphone. Os jovens empresários vem apoiando ações contra homofobia. Confira essa entrevista e baixe o Flavor!



Memória LGBT: O que é o Flavor?

Flavor: O Flavor é aplicativo de roteiro de bares, restaurantes, clubes e festas para o público gay. O aplicativo é gratuito e está disponível para ser baixado nas versões para Iphone e Android.

A versão de lançamento traz roteiros de quatro cidades em três países: São Paulo e Rio de Janeiro, no Brasil, Nova York, nos Estados Unidos e Londres, na Inglaterra. As cidades estão divididas em categorias que agregam dos mais tradicionais e renomados aos lugares mais alternativos escolhidos pelo público GLS. O aplicativo traz uma breve descrição dos espaços, endereços e horários de funcionamento, em português e inglês. Em cada uma das listas, o aplicativo indica ao usuário os principais destaques. Ao contrário dos demais guias, é atualizado diariamente e ainda possui um recurso para ser utilizado em modo offline, para atender às pessoas que viajam, sem ter que usar os seus serviços de roaming para acessá-lo.

Além disso, o app dispõe de um sistema de localização que mostra as opções mais próximas do usuário e traça rotas até o estabelecimento desejado, a partir do local em que ele se encontra.

Memória LGBT: Como surgiu o Flavor ?

Flavor: A ideia do aplicativo nasceu em uma viagem à Europa. Percebemos que havia muita dificuldade

de encontrar bares e clubes direcionados ao público gay pela internet. A informação é desorganizada e muitas vezes desatualizada. Quando encontramos algum site local, tínhamos que buscar no mapa para verificar a distância do hotel. Com base nessa experiência, criamos o aplicativo Flavor.

Memória LGBT: Quais são as principais ações e estratégias deste Aplicativo?

Flavor: Atualização 24/7 das informações e queremos chegar a mais de 50 cidades nos próximos 12 meses. Em breve também vamos oferecer novos serviços através do app. Além disso, temos orgulho de ser o primeiro aplicativo gay internacional 100% brasileiro, presentes vários países desde o lançamento. Os Estados Unidos já representam 20% da base de usuários.

Memória LGBT: Quais foram as principais conquistas deste Aplicativo ?

Flavor: Nas primeiras semanas do lançamento o aplicativo Flavor ocupou a primeira posição na App Store Brasil na categoria Entretenimento. Já temos milhares de usuários no Brasil, Estados Unidos, Inglaterra, entre outros países onde ainda não estamos presentes.

Memória LGBT: De que forma o Flavor auxilia a comunidade LGBT?

Flavor: Estamos oferecendo informações de festas, clubes, bares e restaurantes gays em diversos países de forma rápida através de um aplicativo fácil de navegar, a partir de qualquer smartphone, e gratuitamente.

Memória LGBT: Quais são os roteiros e cidades?

Flavor: Na versão de lançamento estamos oferecendo informações de festas, clubes, bares e restaurantes em Londres, Nova York, São Paulo e Rio de Janeiro.

Memória LGBT: Ele é fácil de usar?

Flavor: Sim, muito simples de utilizar e esteticamente muito bonito, com diversas ferramentas de geolocalização. Esses motivos levaram que a Apple



Store Brasil a selecionar o aplicativo Flavor como destaque, ocupando a primeira posição do ranking.

Memória LGBT: Já se pensou em incluir nos roteiros espaços de memória e cultura, centros culturais, museus e/ou atividades culturais para o público lgbt, uma vez que o app é atualizado diariamente?

Flavor: Sim, esse será o próximo desafio do Flavor.

Memória LGBT: Com o Flavor é possível avaliar os estabelecimentos cadastrados?

Flavor: Para garantirmos uma avaliação fiel e imparcial dos estabelecimentos, todas as avaliações estão sendo feitas pelos promoters do Flavor inicialmente.

Memória LGBT: Na museologia, existe hoje a ideia de que os museus no Brasil estão incluindo grupos discriminados. Embora já tenha nascido museus de comunidades indígenas, quilombolas ou outras modalidades de sociedades periféricas, temos procurado notícias sobre os museus que se preocupam com a memória da comunidade LGBT. Você tem alguma notícia de algum museu assim?

Flavor: Infelizmente não.

Memória LGBT: Não havendo notícias, a que você acha que se deve essa ausência da história e memória LGBT em museus?

Flavor: Acreditamos que a ausência se deve basicamente pelo desafio de viabilização e manutenção do museu com recursos próprios, sem a necessidade eminente do governo.

Memória LGBT: Nos museus estão representados memórias e histórias da sociedade brasileira. De que forma os museus brasileiros poderiam aproximar-se da questão LGBT?

Flavor: Acreditamos que, para mudar esse cenário, precisamos conscientizar não somente os governos, mas também a comunidade LGBT, a fim de reivindicar essas inserções, não de forma separatista, mas de forma inclusiva nos museus brasileiros.

Memória LGBT: Qual (Quais) memória(s), história(s) e objeto(s) você gostaria de expor em um museu?

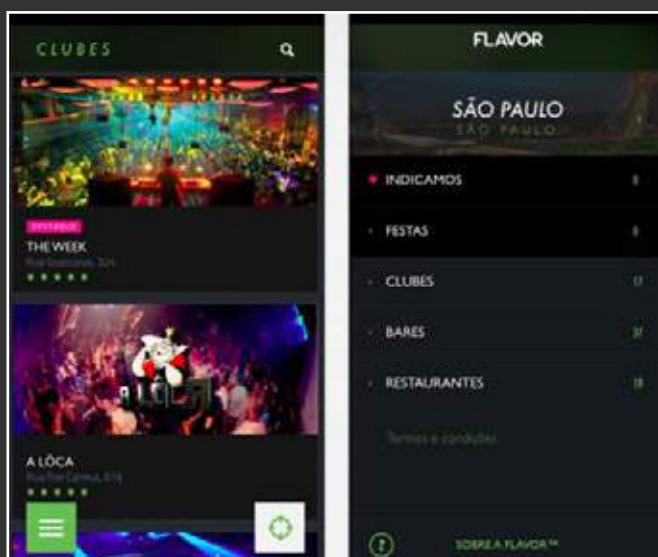
Flavor: Gostaríamos de deixar a decisão do CNJ que obriga cartórios a realizar casamento homossexual.

Memória LGBT: Qual memória você jamais gostaria de esquecer?

Flavor: Jamais gostaríamos de esquecer o legado deixado e de grandes barreiras derrubadas através da música por artistas como Cassia Eller, Cazuza e Renato Russo. Sem sombra de dúvidas, foram personagens importantes na música brasileira. A partir da música, cada um pode influenciar através de suas obras, a representação da homossexualidade, cada um de um jeito especial, de forma direta ou nas entrelinhas e metáforas, característica marcante do Cazuza. Acreditamos que a música une as pessoas e alegrem os corações sem distinção de sexo, cor, raça ou religião.

Memória LGBT: Qual o recado que você deixa para a Revista Memória LGBT?

Flavor: Gostaríamos de deixar nossos parabéns e dizer que temos orgulho da Revista Memória LGBT, um veículo sério e extremamente preocupado em promover de forma efetiva a memória da comunidade LGBT.



Kinoforum Negras Lésbicas

6 mulheres, 6 histórias diferentes, mas que apresentam um único elo – o preconceito que sofrem por serem negras e assumirem a sua orientação sexual como lésbicas, dentro de uma sociedade machista e heteronormativa.

Direção: Erica Roberta Silva – Patricia Norica – Priscilla Ap Mendes dos Santos – Formiga

Produção: Erica Roberta Silva – Patricia Norica

Priscilla Ap Mendes dos Santos – Formiga

Som Direto: Erica Roberta Silva – Patricia Norica

Priscilla Ap Mendes dos Santos – Formiga

Câmera: Erica Roberta Silva – Patricia Norica – Priscilla Ap Mendes dos Santos – Formiga

Dica enviada por Treyce Ellen Goulart

Confira o curta em nosso canal do youtube: Revista Memória LGBT



Foto: Associação Cultural Kinoforum

Crítica: São Pa

Bruno Carmelo

Os Estados Unidos já forneceram diversos documentários e ficções sobre o que poderia ser considerada uma "cultura gay americana": suas especificidades artísticas, linguísticas e de modo de vida relacionadas à comunidade LGBT. São filmes que ressaltam as principais manifestações, as principais personalidades envolvidas, os cafés, os cinemas, as ruas que marcaram uma época. São Paulo em Hi-Fi, de certa maneira, começa a propor uma oportuna e importante documentação audiovisual do que seria a cultura gay brasileira, e sua evolução histórica.

Seria impossível aprofundar um conceito tão abrangente em um único projeto, e o diretor Lufe Steffen inteligentemente opta por um tema preciso, mas capaz de representar uma cultura mais ampla: a noite gay paulista dos anos 1960, 70 e 80. A investigação trata essencialmente das boates e discotecas da época, com suas decorações, músicas, drag queens e travestis. Mas ao se falar da dança e da performance, destaca-se também a associação com os cafés, cinemas e principais ruas onde vi-

viam e transitavam gays, lésbicas, travestis e transexuais da época.

Este retrato histórico poderia ser didático e expositivo, mas o cineasta prefere uma abordagem afetiva. São apresentados dezenas de indivíduos relatando as suas lembranças mais queridas, vergonhosas ou marcantes. É um prazer assistir a tantos sorrisos enquanto essas pessoas evocam um período tão importante de suas vidas. Talvez algumas histórias não tenham acontecido exatamente da maneira como foram contadas, e tenham sido deturpadas pelas lembranças. Mas o tema do filme é justamente a construção de uma memória coletiva gay, com seus afetos e contos.

Os registros de época existem, essencialmente das performances no palco das casas noturnas. Os números coreografados mostram a riqueza da produção e revelam as principais canções dos anos retratados, além dos figurinos, dos penteados, das danças. Steffen esforça-se para fazer com que o tema das danças se comunique com o dos relatos através da montagem, mesmo que de maneira simbólica: quando os entrevistados citam a entrada da polícia em boates noturnas, mos-

tram-se coreografias envolvendo caubóis e policiais; quando se cita o impacto da AIDS, escolhe-se um número triste, parcialmente sem som, sobre uma mulher com a sua pistola na mão, apontando para os dançarinos no palco.



ulo em Hi-Fi

Assim, de maneira lúdica e divertida, entre piadas e anedotas, São Paulo em Hi-Fi começa a inserir o tema em discussões sociais mais importantes, como a separação entre discotecas de classe alta e outras populares,

a distinção entre lugares para gays e lésbicas, a evolução do linguajar da comunidade LGBT, as condições socioprofissionais de dançarinos e apresentadoras das casas noturnas. Como já havia mostrado no ótimo A

Volta da Pauliceia Desvairada, Steffen possui um olhar de sociólogo, mais do que historiador, buscando compreender uma sociedade através de sua estrutura e sua relação com as sociedades ao redor.

Por fim, é com grande simplicidade que o documentário usa a alternância entre depoimentos e imagens de arquivo. Ao invés de se limitarem a criar o ritmo no filme, esses trechos dialogam entre si, produzem um discurso, estabelecem a ponte entre o fato e a lembrança, entre o real e o imaginário. Cabe ao espectador tentar inserir tantos casos absurdos em um mesmo contexto: consegue imaginar Wilza Carla chegando à festa gay sobre um elefante, ou um homem aparecendo nas festas vestido de borboleta, saindo de um caminhão de mudanças? É na articulação entre o individual e o social, o público e o privado, que reside o grande valor de São Paulo em Hi-Fi.

Filme visto no Rio Festival Gay de Cinema 2014.



Matéria extraída do site Adoro Cinema



CASA SUSANNA

Sinopse

Algum tempo atrás, enquanto que em um mercado de pulgas de Nova York, os colecionadores Michael Hurst e Robert Swope descobriram uma grande quantidade de fotos. Um álbum com algumas imagens bem preservadas, tirada aproximadamente entre meados dos anos 50 e meados dos anos 60, que descrevem um grupo de travestis unidos em torno de um lugar chamado casa Susanna. Uma casa bastante grande e encantadoramente banal em estilo vitoriano, na pequena cidade de New Jersey. Os moradores, visitantes, convidados e anfitriões usavam como sede regularmente durante os finais de semana. Alguém, provavelmente "Susanna", a matriarca, posa em uma árvore para proclamar a "Casa Susanna". Susanna e seus amigos, organizavam lindos desfiles que eram mais valorizados em época de Natal e fes-

tas de chá. Estas fotos são registros documentais e retratam a vida privada e íntima na Casa Susanna, onde as meninas varriam o pátio de entrada, cozinhavam, malhavam, jogavam Scrabble, remavam no lago próximo e, claro, usam um vestido específico por ocasião.

Livro: Casa Susana
Michel Hurst, Robert Swope
Média de Preço: R\$ 95,00
Somente em Inglês

Dica Enviada por: Rita Colaço e Alámo Bandeira

Bilhete Único SPTrans aceita a inclusão do **nome social**

Atendendo ao Decreto 51.180 você pode personalizar o cartão Bilhete Único com o "Nome Social". Para isso, basta ser maior de 18 anos ou estar acompanhado de um responsável legal maior de 18 anos, devidamente identificado. Comparecer à Central de Atendimento, munido de documentos (RG ou CNH), preencher e assinar o formulário de requerimento. Após sete dias da data do pedido retorne à Central e retire o cartão.

Maiores informações: bilheteunico.sptrans.com.br
DECRETO nº 51.180, DE 14 DE JANEIRO DE 2010

Dispõe sobre a inclusão e uso do nome social de pessoas travestis e transexuais nos registros municipais relativos a serviços públicos prestados no âmbito da Administração Direta e Indireta, conforme especifica.

Gilberto Kassab, Prefeito do Município de São Paulo, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei, decreta:

Art. 1º Os órgãos e entidades da Administração Municipal Direta e Indireta devem incluir e usar o nome social das pessoas travestis e transexuais em todos os registros municipais relativos aos serviços públicos sob sua responsabilidade, como fichas de cadastro, formulários, prontuários, registros escolares e outros documentos congêneres.

§ 1º Entende-se por nome social aquele pelo qual travestis e transexuais se reconhecem, bem como são identificados por sua comunidade e em seu meio social.

§ 2º A anotação do nome social das pessoas travestis e transexuais deverá ser colocada por escrito, entre parênteses, antes do respectivo nome civil.

Art. 2º As pessoas travestis e transexuais deverão manifestar, por escrito, seu interesse na inclusão do nome social, mediante o preenchimento e assinatura de requerimento próprio, conforme modelo constante do Anexo I deste decreto.

Parágrafo único. No caso de pessoa analfabeta, o servidor ou empregado público municipal que estiver realizando o atendimento certificará o fato, na presença de 2 (duas) testemunhas, mediante declaração cujo modelo consta do Anexo II deste decreto.

Art. 3º É dever da Administração Pública Municipal Direta e Indireta respeitar o nome social do travesti ou transexual, sempre que houver, usando-o para se referir a essas pessoas, evitando, no trato social, a utilização do respectivo nome civil.

§ 1º Havendo a necessidade de confecção de crachás, carteiras ou outro tipo de documento de identificação, deverá ser observado, mediante prévia solicitação por escrito do interessado, o nome social do travesti ou transexual e não o nome civil dessas pessoas.

§ 2º Nas manifestações que eventualmente se fizerem necessárias em documentos internos da Administração Direta e Indireta, relativas às pessoas travestis e/ou transexuais, deverá ser utilizado o termo "nome social", vedado o uso de expressões pejorativas.

§ 3º Nos casos em que o interesse público exigir, inclusive para salvaguardar direitos de terceiros, deverá ser considerado o nome civil das pessoas travestis e transexuais.

Art. 4º Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura Do Município De São Paulo, aos 14 de janeiro de 2010, 456º da fundação de São Paulo.

Gilberto Kassab, Prefeito. José Ricardo Franco Montoro, Secretário Municipal de Participação e Parceria
Publicado na Secretaria do Governo Municipal, em 14 de janeiro de 2010. Clovis De Barros Carvalho, Secretário do Governo Municipal



Em agosto estreia "NÃO CONTE A NINGUÉM"

Jardel Teixeira

"Não Conte a Ninguém" é uma peça que fala sobre amor. Retrata a vida de adolescentes que vivem as experiências de suas paixões e os dilemas da sexualidade. A história gira em torno de Deco, preso na ebulição dos hormônios da adolescência, relata suas dúvidas, descobertas. Ele tenta estabelecer uma relação com a infância e a vida adulta, quebrando as barreiras locais na vivência do seu primeiro amor, um professor de Português. O espetáculo faz uma abordagem da homossexualidade de forma sensível e sem estereótipos, tocando em pontos cruciais do funcionamento da sociedade contemporânea e explora os limites experimentados na adolescência.

Abrir este armário para a discussão sobre a sexualidade, é o que se pretende com esta peça.

"Estamos conscientes do momento que estamos passando. Essa peça é um ato de resistência, em tempos onde os direitos dos homossexuais entram

em pauta diárias de discussões, cabe ao teatro, dar voz aos diversos grupos sociais, desta maneira fazer este espetáculo é manifestar o amor, discutir esses assuntos com profundidade. Procuo escrever peças que sejam instigantes. Não é só fazer uma peça gay, mas sim uma peça que mostra que todo mundo é igual. Este espetáculo é um elogio ao amor. Existe um conjunto de assuntos que nós como um grupo de artistas na Cia Artera gostamos de falar e são assuntos que tem a ver normalmente com intolerância, preconceito, minorias, às vezes de maneira mais pesada, às vezes de uma maneira mais leve, mais lírica, mais poética como em "Não conte a ninguém" – Afirma Ricardo Corrêa – autor do espetáculo.

Cenário, Figurino, Iluminação e Música

A peça brinca com a construção dos espaços através da projeção de vídeos. É uma alegoria da memó-

ria. Pensando nisso, o local onde a ação ganha corpo é a mente do personagem central.

O cenário é uma tela onde são projetadas as imagens. Também parte dos cenários são animações, utilizamos a linguagem cinematográfica na cena, através dos vídeos feitos por Zeca Rodrigues.

Poucos elementos são usados: luminárias, cadeiras e poltronas. Dessa forma, o cenário vai sendo desvendado ao espectador através das percepções dos personagens. A peça brinca com todas as cores e atmosferas, alegres e melancólicas. Figurinos e adereços são contemporâneos, roupas que retratam o jovem, auxiliando na criação da identidade dos personagens.

A música de Diogo Soares e Thiago Maziero, criada especialmente para a montagem, servindo como um comentário subjetivo do mundo interior das personagens da peça.



A Cia Artera de Teatro

A Companhia Artera de Teatro surgiu em 2004, após a finalização de um curso livre de teatro desenvolvido pelo projeto Ademar Guerra. Hoje seus integrantes são oriundos da EAD (Escola de Arte Dramática).

O objetivo é trazer para a cena elementos que dialoguem com temas relacionados a tolerância e as minorias, como principal compromisso apresentar um teatro como um exercício de reflexão e, não apenas como forma de entretenimento.

Montagens do grupo: Não Conte a Ninguém (2012); Coração Dark Room (2011); 7 Vezes Xxi – A Perdição Essencial (2010); Tapete De Retalhos (2009); O Beijo Do Homem Diferente (2008); E Se A Agente Esperasse? (2007); Over (2006); Internos (2005); Devidas Cenas e Buscando Ser Alguém Para Alguém (2004).

SERVIÇO

Espaço Parlapatões – Praça Franklin Roosevelt, 158, Consolação
Tel 11 3258 4449

Ingressos R\$ 30,00 e R\$ 15,00

Temporada de 5 de agosto a 30 de setembro de 2014

Terças-feiras às 21 horas



FICHA TÉCNICA

Dramaturgia: Ricardo Corrêa

Direção: Davi Reis

Elenco: Ana Paula Justino, Davi Reis, Jessica Drago, Ricardo Corrêa e Rodrigo Pasquali.

Fotos: Douglas Rene

Trilha Sonora e Direção Musical: Diogo Soares e Thiago Maziero.

Cenografia, Figurino e Iluminação: Ricardo Corrêa.

Vídeo Design: Zeca Rodrigues.

Produção: Paula Arruda.

Em 1 Ano de existência a REVISTA MEMÓRIA LGBT publicou 6 Edições, falando sobre os temas:

- AFROLGBT
- #NossasMusas - Visibilidade T*
- Patrimônio Cultural LGBT
- Combate a HomoLesboTransfobia nos museus e espaços de memória
- Patrimônio Lésbico

Foram 104 matérias visibilizando à memória e o patrimônio cultural LGBT, contando com 130 colaboradorxs do Brasil e da América Latina.

OBRIGADO!!!

A edição de aniversário da
REVISTA MEMÓRIA LGBT

Terá como tema:

**"Em uma sociedade homo-lésbo-transfóbica:
temos o direito à memória?"**

Envie sua contribuição até o dia 10 de Outubro

revista@memorialgbt.com